

APRESENTAÇÃO:  
**INFÂNCIAS E JUVENTUDES NO NORDESTE BRASILEIRO: HISTÓRIA, SAÚDE  
E EDUCAÇÃO**

Suzana Santos Libardi<sup>1</sup>

Leônidas de Santana Marques<sup>2</sup>

Começamos o ano de 2023 assustadas e assustados com as notícias sobre a fome e a falta de assistência básica à saúde na Terra Indígena Yanomami, em Roraima. Entre as pessoas mais afetadas estavam as crianças, cujas imagens divulgadas na grande mídia comoveram a sociedade civil para com uma realidade que veio sendo construída, perversamente, ao longo de anos, pela gestão anterior do governo federal. Paralelamente a isso, na esfera internacional, vem ganhando visibilidade o papel dos povos originários na preservação e manutenção das florestas e dos recursos naturais. Terminamos o ano assistindo a realização da 28ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2023, ocorrida em Dubai, nos Emirados Árabes, onde o lobby da indústria petroleira levou ao maior número na história do evento de credenciamento oficial de participantes ligados ao setor de combustíveis fósseis<sup>3</sup>. A possibilidade de um futuro para o planeta, não só para os mais jovens, mas para toda a humanidade, está cada vez mais associada à garantia de condições mínimas de segurança, manutenção da vida e práticas de costumes tradicionais para que os povos indígenas mantenham sua cultura, e por conseguinte, o ambiente onde vivem. Se começamos o ano com um novo governo criando esforços para estancar sangue indígena na Amazônia frente ao garimpo ilegal, terminamos o ano com o governo federal, ao final de seu primeiro ano de mandato, explicitando as contradições que lhe caracterizam: protagonismo na COP28 em torno da defesa das florestas,

---

<sup>1</sup> Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - Unidade Educacional Palmeira dos Índios, Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil. Doutorado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. <https://orcid.org/0000-0002-2185-6786> Email: [suzana.libardi@palmeira.ufal.br](mailto:suzana.libardi@palmeira.ufal.br)

<sup>2</sup> Professor adjunto do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil. Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0002-6714-4039> . Email: [leonidas.marques@delmiro.ufal.br](mailto:leonidas.marques@delmiro.ufal.br)

<sup>3</sup> COP28 tem recorde de lobistas dos combustíveis fósseis. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/12/cop28-tem-numero-recorde-de-lobistas-dos-combustiveis-fosseis.shtml>. Acesso em 30 dez 2023.

enquanto simultaneamente o ministério de Minas e Energia sinaliza positivamente<sup>4</sup> para incrementos na exploração e exportação do petróleo aderindo à Opep+ (grupo de nações exportadoras de petróleo), inclusive ameaçando terras indígenas<sup>5</sup>.

Ainda assim, vale a pena ponderar que os povos indígenas em seus territórios representam muito mais do que uma questão ambiental. Existe propriamente uma questão indígena, que atravessa debates de diferentes ordens: social, econômica, cultural, política e também ambiental. Há, assim, toda uma diversidade que dá sentido concreto aos povos originários no território brasileiro. De acordo com dados preliminares do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados pela Articulação dos povos indígenas do Brasil (APIB), hoje há no território nacional mais de 1 milhão de pessoas autodeclaradas indígenas, habitantes de contextos ambientais e sócio-culturais diversos, em todas as regiões do Brasil.

Na atual conjuntura política nacional, vivemos um momento de reconstrução política do país, onde a democracia dá sinais de sua grande fragilidade quase que semanalmente. O contexto de crise democrática assola os povos indígenas, entre outras questões, com o Marco Temporal, sendo urgente voltarmos o olhar também para a questão geracional, de modo a compreender sua interseccionalidade com as questões étnico-raciais; fundamental para construirmos no presente uma atenção ao papel das futuras gerações na continuidade da luta indígena no país.

Diante deste contexto, localiza-se o presente dossiê **‘Infâncias e Juventudes Indígenas’**, reunindo trabalhos multidisciplinares sobre as gerações mais novas de povos indígenas habitantes do Brasil. O dossiê é composto por contribuições de autoras e autores indígenas e não-indígenas, docentes e acadêmicos em formação. As etnias e localidades contempladas nos trabalhos são: Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção-PE), Maxakali, Botocudo e Pataxó (Sul da Bahia), Fulni-ô (Águas Belas-PE), Karuazu, Katokinn e Jeripankó (Pariconha-AL).

Após esta apresentação, Edson Silva, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco, abre as contribuições originais deste dossiê. Por meio de pesquisa documental e de relatos de história oral, Edson Silva registra a trajetória do menino Gersino, indígena Xukuru

---

<sup>4</sup> Negociações da COP28 apontam que é preciso mobilização popular para conter aquecimento global. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/12/15/negociacoes-da-cop28-apontam-que-e-preciso-mobilizacao-popular-para-conter-aquecimento-global>>. Acesso em 30 dez 2023.

<sup>5</sup> MPF pede explicações à ANP sobre exploração de petróleo em áreas indígenas. Disponível em: <<https://amazonasatual.com.br/mpf-pede-explicacoes-a-anp-sobre-exploracao-de-petroleo-em-areas-indigenas/>>. Acesso: 30 dez 2023.

do Ororubá, a qual permite a leitoras e leitores localizar numa perspectiva histórica a experiência de infância e adolescência narradas. O autor contextualiza a questão indígena no Nordeste e o contexto de vida das crianças. O caso específico explicita uma mirada decolonial das noções de infância e adolescência, demonstrando o papel de gerações mais novas nos contextos indígenas, ao longo da história. Ainda, o texto apresenta o contexto contemporâneo de vida e luta dos Xucurus, destacando sua importância para os parentes do Nordeste.

Com o intuito de preencher algumas lacunas nas investigações sobre crianças e infâncias indígenas onde hoje temos a região do Extremo Sul da Bahia, o segundo artigo das contribuições originais apresenta uma leitura historiográfica para as várias formas de violência sofridas por populações indígenas, especialmente no período do Brasil Imperial. Intitulado ‘Crianças indígenas no Sul da Província da Bahia oitocentista: notas para uma história das crianças indígenas no Extremo Sul Baiano’, o texto conta com a autoria de Jilnete Silva Santos, professora da rede municipal de Teixeira de Freitas (BA), e Paulo de Tássio Borges da Silva, professor adjunto na Universidade Federal Fluminense. Fazendo uso de imagens, documentos escritos e relatos da época, os autores nos convidam para refletir sobre um processo histórico que, mais do que algo do passado, determina toda uma dívida que a sociedade brasileira tem para com seus povos originários, particularmente suas crianças.

Marcela de Fátima Lemos Tavares, Horasa Maria Lima da Silva Andrade, Isnar Gomes Pontes, este último indígena Fulni-ô, contribuem com o dossiê trazendo um texto da área da saúde, visando promover reflexões para melhorias no serviço público de saúde oferecido à população Fulni-ô. A experiência, ocorrida no âmbito da residência em saúde coletiva e agroecologia, é descrita com uma interessante e fundamental articulação com a comunidade, via agentes comunitárias de saúde. Quanto ao atendimento em saúde de crianças e adolescentes indígenas, conclui-se pela necessidade de trabalho em rede nos setores da própria saúde, mas necessariamente articulado com a educação.

O quarto artigo que compõem este dossiê é intitulado ‘Formação de jovens docentes no contexto de uma Licenciatura Intercultural Indígena’. Na autoria deste texto temos as estudantes Erica Danieli de Lima Santos, indígena Karuazu, e Girlaine Gomes Oliveira, indígena Jeripankó, e o professor Leônidas de Santana Marques, da Universidade Federal de Alagoas. Os três fazem parte da Licenciatura em Geografia do polo Sertão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Estadual de Alagoas (CLIND/UNEAL). No artigo, discutem justamente o processo de formação docente destas novas gerações de indígenas que acessam o ensino superior a partir dos cursos de licenciatura intercultural. A partir do debate sobre reflexão e autorreflexão na formação docente, o texto apresenta uma importante

contribuição sobre a relação entre juventude indígena e mundo do trabalho a partir da perspectiva do estágio supervisionado em duas escolas indígenas, com seus desafios e potencialidades singulares.

Fechando a seção de artigos originais, temos ‘Uma pesquisa realizada na Formação Intercultural para Educadores Indígenas: transformações na economia de uma aldeia no Sul da Bahia’. Este texto propõe uma pertinente reflexão sobre as transformações das aldeias indígenas no contexto da pandemia de COVID-19. Tendo como matéria-prima a investigação monográfica de Rodrigo Braz da Conceição, indígena Pataxó graduado em Matemática pela Universidade Federal de Minas Gerais, o texto conta ainda com a autoria de Ilaine da Silva Campos e Genilson Soares de Santana, pesquisadores da UFMG que orientaram a pesquisa de conclusão de curso. Evidenciando como ser indígena é estar em movimento, os autores discutem as transformações no mundo do trabalho no interior da aldeia indígena mãe Barra Velha, Porto Seguro (BA), onde destaca-se tanto o retorno a práticas tradicionais de uso da terra, quanto os reflexos disso nas relações intergeracionais.

Após os 5 textos acadêmicos, apresentamos 1 relato de experiência de graduanda do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Joseilma Jeripankó, que, com apoio técnico do Grupo de Leitura em Estudos da Infância (GLEI), subgrupo de pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão, expõe suas memórias de infância na aldeia, partindo da história de vida individual para lançar pistas sobre a história da infância indígena de seu povo.

Assim, temos contribuições escritas da área da história, saúde e educação, além de relatos pessoais, que demonstram um pouco da diversidade dos povos indígenas do país, suas lutas e conquistas. Desejamos que esse dossiê, constando entre os pioneiros números exclusivos sobre crianças e jovens em periódicos científicos do Nordeste, contribua para os estudos e lutas indígenas e indigenistas. Temos muito a caminhar junto com as gerações mais novas.

Diga ao povo que avance. Boa leitura!